



**UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE SANTA CATARINA**

## UFSC NA MÍDIA - CLIPPING



**Agcom**  
Agência de  
Comunicação  
da UFSC

**14 e 15 de setembro de 2019**

**Diário Catarinense e A Notícia**  
**Capa e Especial**  
"Pescadeiras"

Pescadeiras / Mulheres / Pesca artesanal / Mulheres e o Mar: uma etnografia sobre pescadoras embarcadas na pesca artesanal no litoral de Santa Catarina / Tese / Antropóloga / Rose Mary Gerber / UFSC / Universidade Federal de Santa Catarina

**Diário Catarinense**

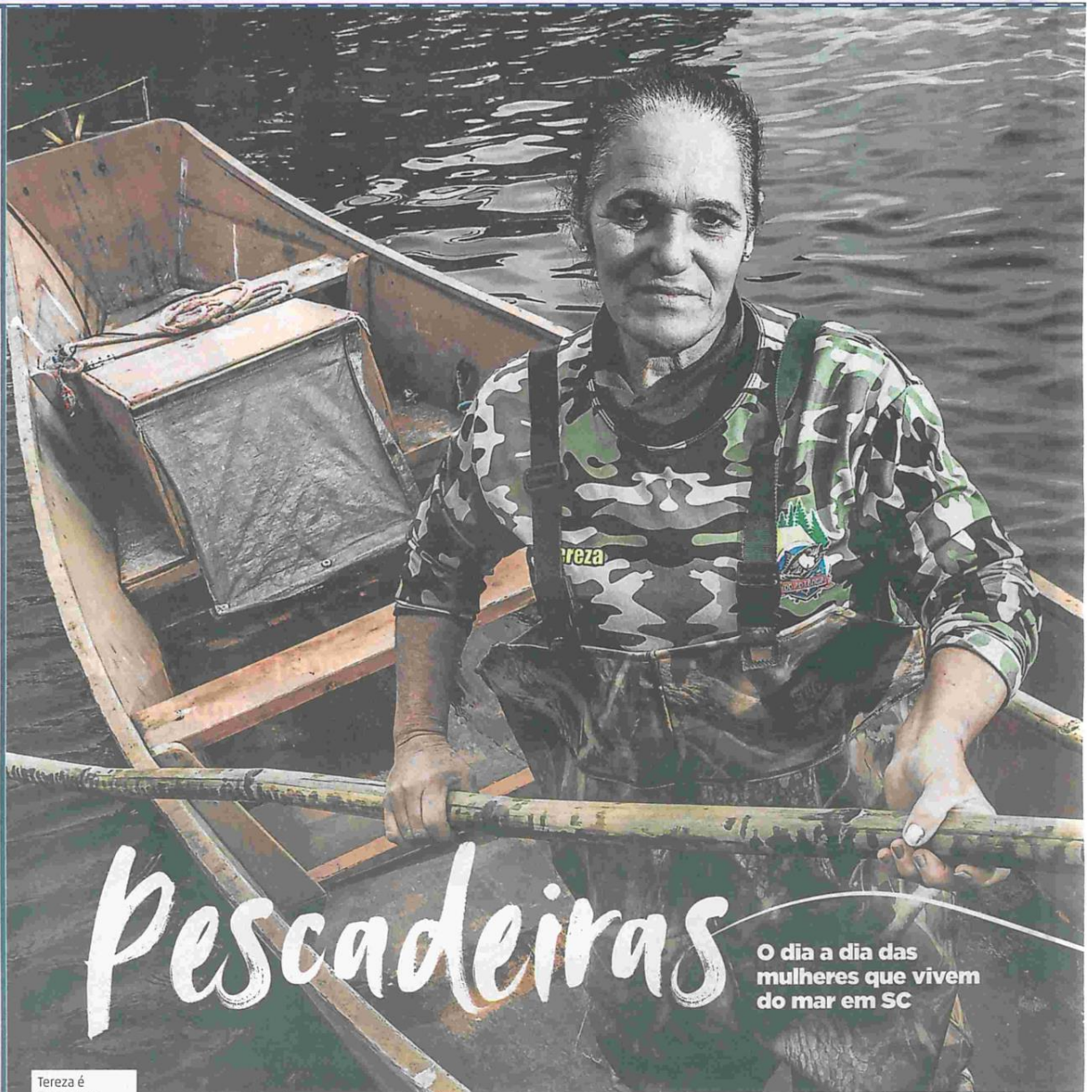




# Pescadeiras

Do Farol da Santa Marta, no Sul, a São Francisco do Sul, no Norte, mulheres como Paulina de Oliveira são protagonistas da pesca artesanal, mostrando que é profunda e relevante a presença da figura feminina em nossas águas

PÁGINAS 10 A 17



# Pescadeiras

O dia a dia das mulheres que vivem do mar em SC

Tereza é pescadora em Laguna

ÂNGELA BASTOS

angela.bastos@somos.nsc.com.br

O mar sempre foi visto como um espaço dos homens. Não por acaso, o título de um dos livros mais famosos do mundo, *O Velho e o Mar*, do norte-americano Ernest Hemingway, escrito em Cuba e publicado em 1952, é composto por um adjetivo e um substantivo, ambos masculinos: velho; mar.

Esta reportagem, porém,

emerge com um diferencial, o de mostrar que é profunda a presença da figura feminina nas nossas águas.

Entre as cores de outono e as sombras do inverno, nossa equipe viajou em busca de rostos invisíveis para muitos, ainda que suas faces espelhem as marcas mais visíveis da pesca.

Do Farol de Santa Marta, em Laguna, no Sul do Estado, à costa de Itapoá, no Litoral Norte, localizamos as protagonistas da pesca artesanal em Santa Catarina.

Solitárias ou acompanhadas

dos maridos, dos irmãos, das filhas ou de outras mulheres, são elas que dia a dia transmitem, no seio da família, a arte de pescar.

A maioria das nossas personagens aprendeu a prática com os pais aos oito, 10, 12 anos de idade. Mulheres que hoje preparam as embarcações, jogam redes ao mar, desmalham, descarregam, filetam, congelam e ainda comercializam o peixe.

Seus pequenos barcos percorrem as águas das baías, enseadas e mares, enquanto conversam sobre esta alquimia

traduzida em palavras como paixão, vício, terapia.

São também elas, a maioria com pouco estudo, a dar continuidade a uma viagem que começou lá atrás, herança dos índios, dos negros escravizados e dos imigrantes açorianos que aqui desembarcaram.

Trabalhadoras em uma atividade em que sempre desenvolveram papel fundamental na organização e na manutenção. Mas nem sempre suficientemente lembradas para dar-lhes o devido destaque dentro do universo da pesca catarinense.



TÍAGO GHIZONI

#### O QUE É PESCA ARTESANAL

Caracteriza-se pela produção em baixa escala e tem importância econômica e social para as comunidades residentes ao longo da costa brasileira. Atividade de baixo rendimento e investimento de capital, foca na utilização do pescado para fins de subsistência ou venda em mercados locais. Ainda que produzida em pequena escala, é responsável por metade do pescado consumido pela população humana e emprega 25 vezes mais do que a pesca industrial. Os profissionais desta área no Estado estão ligados à Federação dos Pescadores de Santa Catarina (Fepesc). A entidade de representação de classe congrega 38 colônias, de Passo de Torres a Itapoá, e está amparada pela Lei nº 11.699/2008 como legítima representante dos artesanais dentro da jurisdição estadual. Cabe à Fepesc defender os interesses dos trabalhadores nas instâncias administrativa e judicial.

## “Vem de mãe e passa pra filha”

**Maria Terezinha de Jesus Vieira, 58 anos, 45 como pescadora**

**A vida de Tereza, moradora em Laguna, no Sul do Estado, ajuda a explicar o lugar e o papel feminino na pesca artesanal**

Uma rua de asfalto separa a casa de Maria Terezinha de Jesus Vieira, 58 anos, das águas do mar. Moradora no Canto da Lagoa de Santo Antônio, em Laguna, Tereza, como é conhecida, é casada, tem cinco filhos e cinco netos. Quando o assunto é a profissão, ela emprega uma palavra que, entre uma redada e outra, aparece no vocabulário das artesanais catarinenses:

– Eu sou pescadeira.

Mulher de pouco estudo, Tereza segue a lógica da terminação “eira” presente em outros ofícios – lavadeira, rendeira, parteira. O raciocínio destampa o baú das memórias dos ancestrais e recolhe uma expressão mais comum em Portugal, berço da língua oficial, que serviu de roteiro para o documentário *A Mãe e o Mar* (2013) sobre as mulheres-arraias. O vídeo conta a história das pescadeiras, aquelas que décadas atrás desafiaram a tradição, conseguiram licença de pesca e, com suas vidas, mergulharam num oceano antes só navegado por homens.

A trajetória de Tereza ajuda a explicar o lugar e o papel das mulheres na pesca artesanal. Ela, que aprendeu a pescar com a mãe e depois de casada aprimorou o conhecimento com o marido, o já pescador Paulo Jovino, ensinou a atividade para os cinco filhos. As noras também são pescadoras. Para Tereza, o que ela faz não é obrigação, apoio, ajuda ao marido:

– É trabalho.

Usa a própria rotina como exemplo. Levanta-se nas madrugadas, cuida da casa, tira carne de siri, descasca camarão, limpa os peixes. Vai ao mar todos os dias, incluindo feriados e finais de semana.

– A gente coloca as redes no fim da tarde, antes do sol entrar. Volta no outro dia, antes do sol nascer. É uma vida bem

difícil, mas compensada quando dá peixe – diz.

A pescadora Tereza fala de sua missão e história:

– Vem de mãe e passa para a filha. Eu tenho uma filha que pesca comigo, assim como as noras são pescadoras também.

Tereza tem uma relação intensa com o mar. Das águas tira o alimento, a sobrevivência, a continuidade da vida. Quando chega à praia, molha a mão e faz o sinal da cruz:

– Eu falo com a água e converso com o sol. Quase sempre é um agradecimento por tudo que nos é dado.

Tereza diz sentir uma emoção muito grande pelo trabalho que faz.

– Muitas vezes eu escuto para não ir ao mar, pois a gente é mulher, tem saúde delicada, corpo mais frágil. Mas eu deixo casa, faxina, qualquer serviço em terra para pescar – explica.

No dia a dia, as parcerias se alternam. Às vezes com o marido, às vezes com uma das filhas. O esposo de Tereza se tornou um companheiro bastante presente nesta rotina.

– O primeiro filho foi feito na bateira, no balanço das ondas, lá fora. Nós estávamos em lua de mel – ela recorda.

Tudo que a família Vieira possui foi resultado da pesca. Casa, galpão, carro, rancho, bateiras, redes.

O avanço dos anos, porém, preocupa os filhos. Eles sugeriram que a mãe diminua a frequência de ir ao mar, já que, com a aposentadoria dela e do marido, a situação da família melhorou. Mas Tereza descarta a ideia:

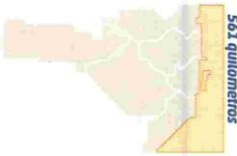
– O mar é tudo na minha vida. Eu mesma digo para os meus filhos: se acontecer alguma coisa, se eu cair na água e morrer, eu vou embora feliz.

#### Litoral brasileiro



7,3 mil quilômetros

#### Litoral de Santa Catarina



561 quilômetros

**38**  
colônias

**9.781**  
pescadores

**6.196**  
embarcações

**697**  
pescadoras  
mulheres

Fonte: Projeto de Monitoramento da Atividade  
Pescadeira em SC (Univali), dezembro 2018

#### A primeira colônia do país

Foi em território catarinense que nasceu a primeira colônia de pescadores do Brasil, ainda durante o período colonial: a Nova Ericeira, na Enseada das Garoupas, atual Porto Belo. A intenção era criar uma vila para fomentar a atividade após uma série de dispositivos legais impostos aos pescadores pelas câmaras em relação à bitola das redes (tipo de linha), que deveria ter um padrão determinado. Isso prejudicou a maioria dos trabalhadores, que não possuía redes padronizadas. Após a determinação de Dom João VI, o rei de Portugal, em 18 de outubro de 1817, chegaram os primeiros habitantes: 101 pessoas.

## “Tenho o mar nas veias. Com ele sou tudo, sem ele sou nada”

**Nair Maria Cabral Mence, a Naca, 68 anos, 57 como pescadora**

A Naca menina, a mais velha entre seis irmãos, gostava tanto de acompanhar o pai nas pescarias que nem reclamou de ter sido tirada da escola. Tampouco das marcas no corpo da corda amarrada à cintura para que as calças largas do pai não lhe caíssem

Vênus, o planeta mais brilhante, ainda cintila no céu de maio quando uma lâmpada se acende na casa de Nair Maria Cabral Mence, 68 anos, a Naca. São 5h e a mulher de estatura baixa e voz forte abre a porta. Minutos depois, desce a rua sem saída que leva à Praia da Cruz, em Governador Celso Ramos, agasalhada em casacos e envolta pela escuridão. Os cachorros se assustam e latem, mas os vizinhos permanecem sossegados. Sabem que é Naca a caminho do mar.

É o começo de mais um dia de trabalho para a pescadora artesanal mais antiga do Canto dos Ganchos, comunidade pesqueira da cidade da Grande Florianópolis. Somam-se 57 anos de profissão desde que, aos 11, ela começou a pescar com o pai.

A mais velha entre seis irmãos gostava tanto de acompanhar o experiente pescador que nem reclamou de ter que deixar a escola. Tampouco se importava com as marcas das cordas amarradas à cintura para que as largas calças do pai não lhe caíssem perna abaixo.

– Desde criança minha vida é isso. O mar é um vício que entra na gente – ela resume.

Naca pesca sozinha. É um jeito de agradar o mar, que gosta de silêncio. A pescadora se casou aos 16 anos e, aos 35, ficou viúva e com cinco filhos para criar. Foi o mar que lhe deu renda para alimentar e educar as crianças. Formou duas professoras, um pintor e dois pescadores profissionais. Avó de cinco netos e quatro bisnetos, ela afirma:

– Tenho o mar nas veias. Com ele sou tudo, sem ele sou nada.

Naca tem fotografias que comprovam histórias. O maior peixe que pescou foi um cação de 62 quilos. Nesse dia, lembra, precisou de grande esforço para colocar o peixe mais pesado do que ela dentro da embarcação.

– No começo até me assustei, pois o peso era tanto que pensei ser um defunto – recorda.

Nas redes de Naca também caiu um tubarão de 32 quilos,



Peixão de 62 quilos

ARQUIVO PESSOAL

bicho valente cheio de dentes e que cortou o cabo da tralha da rede. Naca tem orgulho de falar dos dias em que capturou 150, 200 quilos de peixes. Lembra do tempo em que precisava de ajuda para despescar (recolher os peixes capturados). Num desses dias foram 12 miraguias. Total: 220 quilos.

Naca também já enfrentou tempestades severas. Numa delas, a força do vento era tanta que arrastou o bote para a Barra do Rio Tijucas, a uns 30 quilômetros de onde trabalhava. Outro susto foi durante um arrasto de camarão. O motor estava ligado e o barco ia devagar. O vento chegou de repente e ela foi jogada com botas e roupa de oleado

Naca ouvia dizer que lugar de mulher é em casa, cuidando dos filhos. Mas não se rendeu: cuidava das crianças, deixava a comida pronta em cima do fogão à lenha e cedinho saía para o mar. Hoje, é o orgulho da família.

para dentro d'água. Agarrou-se na rede, e depois no leme. Mas a cana, a parte de metal que permite a manobra, se partiu, e ela teve que se segurar no pedaço que restou. Foi salva por um pescador.

Mudanças repentinas no clima a intrigam:

– Há 50 anos, a gente se levantava de manhã, olhava o céu e sabia se o vento viria. Hoje, não.

Para Naca, estas variações climáticas se devem à poluição. Ela também acha que o pescador deveria ser mais cuidadoso:

– Eu já tirei muito lixo das redes. Não dá para levar e depois jogar fora, é preciso cuidar da natureza, se não um dia tudo acaba – avisa.

### Preconceito, coragem e paciência

Acostumada a enfrentar tubarões e tempestades, Naca não foge de outro assunto assustador: o preconceito contra a mulher pescadora.

– Tem muito homem machista, que acha que só eles podem pescar. Não é assim. A pescadora e o pescador são iguais – assegura.

Ela observa que a situação já foi pior.

– Ouvi muitas vezes que lugar de mulher é em casa, cuidando dos filhos. Eu cuidava deles e pescava. Teve época em que os cinco estudavam. Eu deixava tudo prontinho em cima do fogão à lenha e, às 6h, saía para o mar.

Com tanta experiência, Naca aconselha as mulheres que quiserem entrar para a pesca:

– Em primeiro lugar é preciso gostar do mar, pois não é uma vida fácil. Em segundo, tem que ter coragem para lidar com os desafios. Por último, paciência. A gente precisa entender sobre redes, vento, lua. Mas é o mar quem comanda.



## “Se pudesse, eu morava no mangue”

Paulina Marques de Oliveira, 78 anos, 72 como pescadora

Foi no lugar rico em diversidade, onde rio e mar se encontram, que pela primeira vez Paulina sentiu o cheiro da maresia. Mais de 70 anos depois, ela continua a frequentar o berçário natural de onde retira espécies que ajudam no sustento da família

Com seis anos de idade e água acima do umbigo. Assim, e pelas mãos do pai, Paulina Marques de Oliveira se iniciou como pescadora. Mais de 72 anos se passaram, e a viúva que mora em São Francisco do Sul continua perto da água. Todo dia vai ao mangue, joga caniço, põe as redes. Especializou-se em pescar e limpar um peixe rejeitado por muitos por temor de intoxicação, o baiacu, iguaria disputada por tradicionais clientes donos de restaurantes.

Paulina tem o rosto riscado de ângulos, resposta de uma vida simples e marcada pelo sol. Recém-amanhece e a rotina da pescaria movimenta a casa onde abriga filhos e netos. É ela a primeira a sair da cama e a tomar café. O corpo é frágil, mas os passos rápidos. Não fosse a estatura menor que um metro e meio, a agilidade poderia ser comparada à de um maçarico, pássaro aquático de corpo leve e pernas altas, comum no litoral. Paulina avisa:

– Estou pronta. Vamos que já é hora, se não a maré baixa e a embarcação encalha.

Um casal de filhos segue a mãe. Isabel, separada, tem duas crianças; e Daniel, quarentão solteiro, puxa o carrinho (reboque) levando bateria, galão com diesel, baldes, caniços, redes. Carrega também uma garrafa térmica com café e um pacote com bolachinhas doces.

São em torno de 300 metros até o porto, onde a bateira fica amarrada. A embarcação é pequena, antiga, desgastada pelo uso. Antes que o filho ligue o motor, a comandante avisa, enquanto olha para o céu nublado:

– Tem que esgotar. A gente nunca sabe o que vem por aí.

Paulina ficou em silêncio durante a quase meia hora em que o barco navegou.

– Se pudesse, eu morava no mangue – falou, então, a senhora, enquanto as mãos castigadas se enterravam na lama em busca de pequenos caranguejos usados como isca.

Foi nesse lugar, onde rio e mar



ANGELA BASTOS

se encontram, que pela primeira vez Paulina sentiu o cheiro da maresia.

– Meu pai pescava com camboa. Eu era pequeninha e ficava agarrada nos paus até a maré baixar. Aí, sim, tinha que juntar os peixes.

Camboas eram armadilhas utilizadas pelos índios para capturar peixes durante a maré do mangue. A técnica usa reentrâncias e esteiras que se enchem de acordo com o sobe e desce das

águas. Na curva, formam-se grandes tanques fora da circulação das águas. O local é procurado pelos peixes para se alimentarem, reproduzirem e fugirem do fluxo da maré.

Do mangue ela tira ostras e mariscos para o sustento, já que a aposentadoria não é suficiente para as despesas.

– Fome não se passa. O mar sempre dá alguma coisa, por isso eu agradeço por esta coisa tão linda que temos.

### Uma cantiga ao mar

Paulina nunca deixou de pescar, mesmo quando foi empregada em uma empresa de Joinville, ou quando trabalhou como doméstica, em Araquari.

– Eu aproveitava a noite, depois de soltar o serviço, para jogar minhas redes no rio. Eu não sei viver longe disso.

Esta proximidade a tornou profunda conhecedora da região. Poucos sabem tão bem sobre as curvas do Rio Parati, em Araquari; a fundura do Canal do Linguado, que liga Baía da Babitonga e o Atlântico; os sambaquis da Ilha Comprida. Também as fases da lua, o quadrante dos ventos.

– Naquele tempo, a gente não aprendia na escola: era com os pais e com a gente mais velha.

Assim, Paulina soube respeitar as forças da natureza.

– Muitas vezes eu estava pegando iscas e desabou temporal, trovoadas que alumiava tudo. A primeira coisa que até hoje faço é enterrar a faca na lama para não chamar o raio. A gente fica nas mãos da tormenta.

Uma vez, estava sozinha e a remo e não conseguia um lugar para fugir da tempestade. Foi quando diz ter sido inspirada por Deus, e começou a cantar:

– *Eu ando sozinho, mas eu gosto do mar; Jesus é meu piloto, ele me guardará; no porto da terra eu hei de chegar; Jesus tá comigo, nada faltará.*

Ela admite:

– Eu nunca tinha escutado isso. Mas também nunca esqueci.

Paulina se diz descendente de bugre, referência aos primeiros habitantes da região. Parece confirmar o que diz quando se acoca sobre os calcanhares enquanto joga o caniço. Gosta de pescar no remanso e em silêncio.

– Quando eu morrer quero casquinha de caranguejo, casca de marisco e de berbigão dentro do caixão. Tudo isso como recordação das coisas que já tirei muito por aí – avisa.

Paulina tem boa saúde e pretende continuar com as pescarias, mas já fez um pedido para os filhos: quando morrer quer casquinha de caranguejo, de marisco e de berbigão dentro do caixão.



ACESSE

Ouçã a canção inspirada nos versos de Paulina em [nsctotal.com.br/especial/pescadeiras](http://nsctotal.com.br/especial/pescadeiras)



ANGELA BASTOS

## “Não tem dia ou noite, e toda hora é hora”

Jussara Galvão, 31, pescadora há um ano

Muita gente pergunta para Jussara se pescar não é uma atividade cansativa. Ela diz que sim, mas encontrou compensações, como não ficar trancada dentro de uma loja ou escritório

**A** primeira vista, quem cruza com Jussara Galvão, 31 anos, pelas ruas de São Francisco do Sul, pode achar que ela é praticante de algum esporte náutico, como *bodyboard*, *stand up paddle*, *windsurf*, surfe. Jovem, cabelos loiros, corpo tatuado, ela tem preferência por roupa de neoprene e óculos com lentes espelhadas. A relação dela com o mar, no entanto, não passa por pranchas e velas, mas por bateiras e redes. Jussara vem de uma família de pescadores. Nesta temporada, ela pesca com o irmão.

A parceria se formou porque a cunhada ficou grávida e teve que deixar a pesca que fazia com o marido há nove anos.

– Eu estava desempregada e ele me chamou. Daí eu gostei e fiquei. Pretendo, em seguida, tirar minha carteira profissional – conta a recente pescadora.

Jussara é separada e tem dois filhos pequenos. Quando vai ao mar, as crianças ficam com os

familiares que moram na mesma rua que ela. A jovem conta que muita gente pergunta se o trabalho não é cansativo. Até pode ser, mas ela encontrou compensações.

– Para mim, é bom sair de casa sem precisar me arrumar, vir para o mar do jeito que estou e sem ter que me maquiar. Além de não ficar trancada dentro de uma loja ou escritório – explica. A pescaria não tem horário fixo, exceto no período de defeso.

– Mas dá para se manter bem sossegada, de boa – salienta a profissional.

Jussara pesca inclusive aos finais de semana.

– Nesta profissão não tem dia ou noite, e toda hora é hora. Mas eu entendi que prefiro estar no mar do que em casa.

Jussara aprendeu a nadar ainda criança. Acompanhando os pais e o irmão, descobriu sobre as marés e os ventos. Ela acredita que hoje percebe mais mulheres pescando do que an-

tes, e que o número não é maior por que o governo dificulta a retirada da carteira profissional.

### ENTRE DIÁLOGOS E SILÊNCIO

O irmão José Ariel Galvão conta que tinha preconceito, por isso evitava chamá-la para pescar.

– Eu não botava muita fé: toda arrumadinha, ajeitadinha, unha pintadinha, mas eu estava errado. Ela é muito tranquila e está sempre disposta – reconhece.

Nem sempre o mar está para peixe, mas houve dias em que os irmãos tiraram 250, 300 quilos de pescado das águas. Em outros dias, nem molham as redes. Nos momentos de espera, Jussara e o irmão se deixam levar pelo balanço do mar:

– As vezes a gente conversa sobre tudo, em outras ficamos calados, só olhando para ver se encontramos os peixes e jogar as redes – ela conta.

## Vidas sob o comando da dança das marés

Mais que o relógio, a maré é quem controla a vida das pescadoras artesanais. As oscilações – cheia, do mar para a terra; vazante, da terra para o mar – mexem com o cotidiano. A dança das águas também influencia o vocabulário. Se a maré enche, o mar engorda. Se a maré vaza, o mar emagrece.

Também os diálogos ganham expressões – verbos, adjetivos – como se pessoas fossem: maré poderosa, vento traçocoiro, mar bravo.

Esse vaivém das águas movimentava os locais de embarque e de desembarque. Unidas pela geografia e parentesco, estas trabalhadoras conhecem os hábitos umas das outras. Da terra, usam os pontos cardeais para apontar a localização das parceiras. Para quem de longe observa, as embarcações parecem calças de fósforos numa piscina olímpica esverdeada.

Foi isso que nossa reportagem presenciou em 17 de maio nas águas da Baía da Babitonga. Na manhã franjeada de sol, surge um pequeno barco. Nele, está Rosalina de Souza Uda, a Rosa. Usa um avental de oleado, protege o pescoço com um lenço e a cabeça com boné jeans. Entre uma tarrafada e outra, ela explica estar pescando camarão branco.

– Camarão é assim: é de dia, é de hora. Somos pescadores de robalo, mas hoje o vento não está ajudando – conta.

O marido, Pedro, está no leme e ouve a conversa. Rosa fala sobre a experiência de pescar em parceria.

– Tem dia que é bom e tem dia que não. E como em casa: tem dia que não dá certo.

Quando isso acontece, será que dá peixe?

– Não, aí só dá briga (risos).

Rosa e o marido formam uma das duplas de pescadores mais experientes da região. Ciente do nadar finito dos cardumes, ela afirma que a mesma água onde muitas mulheres aprenderam a nadar e viram saltar a vida nas bracaças dos filhos precisa de cuidados.

– O mar nos dá muita coisa boa – resume Rosa.

José Ariel Galvão, o irmão, reconhece ter errado ao achar que Jussara, por “ser toda arrumadinha e com unha pintadinha”, não daria uma boa pescadora.







TIAGO GHZONI

## “Dei um carteirazo no homem que me proibiu de pescar”

**Maria Aparecida Mendes da Silva, a Cida, 59 anos, 38 de profissão**

Cida entrou para o mundo da pesca com 21 anos. Eram tempos difíceis para sobreviver, e os homens se achavam donos do mar ao ponto de impedir as mulheres de pescar

### RECONHECIMENTO E DIREITOS ASSEGURADOS

Há evidências de participação das mulheres na pesca desde o período colonial. Entretanto, foi o cenário desenhado a partir de meados de 1980 até a década de 1990 (com ênfase nos grupos marginalizados da sociedade; valorização das atividades produtivas de pequeno porte e realizadas no âmbito familiar) que trouxe à tona a nomeação “mulher pescadora”. Hoje, elas têm direitos assegurados, como o benefício da aposentadoria.

**D**o agreste pernambucano para as águas frias do Sul catarinense. Assim é a trajetória de Maria Aparecida Mendes da Silva, a Cida, 59 anos, pescadora artesanal profissional. Cida morou 23 anos no Farol de Santa Marta, em Laguna, onde participava ativamente das atividades pesqueiras e ambientais. Hoje, ela mergulha as redes nas águas salobras da Lagoa de Santo Antônio. Às vezes, arrisca tarrafejar num dos territórios mais concorridos, o canal, onde botos ajudam os pescadores.

– Aqui é um lugar muito bonito, apesar da disputa pelo espaço. Eu evito conflito e fico um pouco distante, pois tem homem que pode se achar o dono do pedaço – diz.

Foi justamente uma atitude machista que levou Cida a se profissionalizar. Lá pelos anos 1990 ela resolveu tarrafejar dentro do cerco da tainha, o que é permitido pelos pescadores no momento em que a embarcação cerca o peixe na beira da praia. Certo dia, quando isso acontecia, um homem gritou: “Tu não podes tarra-

fejar. Dentro do lance só tarrafeiam profissionais”.

Cida conta que emudeceu. Mas ficou revoltada e decidiu não abrir mão daquilo que havia aprendido a gostar: o convívio na praia.

– Eu senti que era discriminação, porque havia muitos ali, até crianças pescando – recorda.

Um tempo depois ela decidiu procurar o Ibama e providenciar a documentação exigida para ter a carteira profissional. Mais tarde, a situação se repetiu. Cida se preparava para atirar a tarrafa dentro do cerco quando o mesmo homem voltou a dizer que ali era só para profissionais. A pescadora deu-lhe o troco. Tirou a carteirinha do bolso e respondeu: “Tens razão, aqui é só para profissionais”.

– Dei-lhe um carteirazo – brinca a pescadora.

Cida explica que foi um problema envolvendo um terreno que a fez morar na praia do Farol de Santa Marta. Lá, conheceu o pescador Jorginho, falecido há pouco tempo, e que a convidou para ajudar a desmalhar.

– Era uma pessoa muito boa e sabedora que eu estava sem grana. Com isso, ganharia uns peixinhos para levar para a casa – recorda.

### SOBREVIVÊNCIA E VALENTIA

A proximidade com o mar a encantou. Cida gostou, pegou jeito e se ofereceu para o desmalho nos botes que chegavam carregados. Porém, a partilha era pouca. Observou, então, o trabalho da estiva – colocação de paus embaixo dos barcos na hora de colocá-los e retirá-los da água.

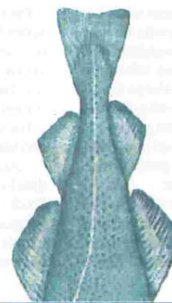
Única mulher na estiva, Cida teve que enfrentar preconceito.

– Eu entrei na pesca com 21, 22 anos. Era o ano de 1982, tempo em que o machismo era bem maior do que hoje – acredita.

Cida manda um recado às mulheres que sentem discriminação na pesca:

– Eu digo que não desistam, sejam valentes. A luta não é fácil, mas a gente só perde quando desiste – diz, lado a lado com os homens que pescam no Canal de Laguna ajudados pelos botos.

Cida se preparava para atirar a tarrafa dentro do cerco quando ouviu que ali era só para profissionais. Ela tirou a carteira de pescadora profissional do bolso e respondeu: “Tens razão”.



## “Amamentava meu bebê durante as pescarias”

Josilene Maria da Silva, a Josi, 34 anos, pescadora há 18

Nascida numa tradicional família de pescadores do Sul da Ilha de Santa Catarina, Josi gosta de ver o filho de seis anos apaixonado pelo mar. Mas quer que o menino estude para que, no futuro, não dependa da pesca como meio de sobrevivência

Josilene Maria da Silva, 34 anos, a Josi, mora na Armação do Pântano do Sul, em Florianópolis. É filha, neta e bisneta de pescadores. Casada com um servidor aposentado e mãe de Enzo, cinco anos, carrega na memória a imagem da época em que o bebê, com apenas três meses, era amamentado no meio da pescaria. Como precisava passar muitas horas no mar, o jeito era improvisar uma pequena cama no fundo da embarcação. O menino gostava do balanço das águas. Passava a maior parte do tempo dormindo.

– Pesco desde os 18 anos. Neste tempo todo só me afastei do mar por 10 meses, quando engravidei. Mas voltei em seguida e três meses depois do parto já tinha o meu mini-marinho me acompanhando nas pescarias – recorda.

Mais jovem, Josi trabalhava na tosa e banho de animais. Também foi ajudante de pedreiro de um tio. Estava meio perdida sobre o que fazer quando, certo dia, foi ajudar o irmão a recolher as redes. Gostou tanto que nunca mais parou:

– É uma terapia que limpa a alma e acalma os prantos.

Josi foi a décima a nascer numa família de 11 filhos. Ela já pescou com o pai e diferentes irmãos. Atualmente é parceira de um deles, e a única das mulheres em atividade. Um dos encantos da atividade parece estar na alternância das rotinas:

– Todo o dia tem uma situação nova, uma pescaria que surpreende, uma história diferente. É assim a vida de uma mulher pescadora.

Uma rotina de quem sai de casa à tarde, passa a noite no mar e volta na manhã seguinte. Josi reconhece ser uma atividade pesada. Além de esforço físico, exige muito empenho mental e psicológico. Talvez por isso já tenha decidido: vai se aposentar – deixar de pescar profissionalmente – aos 40 anos.

– A mulher sente mais do que o homem, que tem uma estrutura física mais forte. Além disso, não é só o mar: é casa, é filho, é

embarcação, e comércio do peixe. A gente não tem só um emprego, tem quatro, cinco.

Sobre o futuro do filho que se mostra apaixonado pelo mar e sempre que é permitido a acompanha em passeios – usando colete, com um adulto para cuidar e tempo bom – ela diz:

– Mesmo que ele queira pescar, vai ser só por lazer e não por necessidade. Vai ter que estudar para não depender da pesca como meio de sobrevivência.

### 500 METROS DE REDE, SÓ UMA CORVINA

Nossa equipe acompanhou uma saída de Josi para o mar. Foi em 7 de agosto, um dia de céu limpo e ventos favoráveis. Além de três jornalistas, o irmão, o filho e ela estavam no bote. Cinco horas depois, voltamos para a retirada das redes. Dos 500 metros de malha, saiu apenas uma corvina.

– É assim a vida de pescador – contava, enquanto colhia a rede.

Por isso, a família decidiu investir no turismo e faz transporte de visitantes para a Ilha do Campeche. Isso ocorre nos meses de verão para equilibrar as despesas.

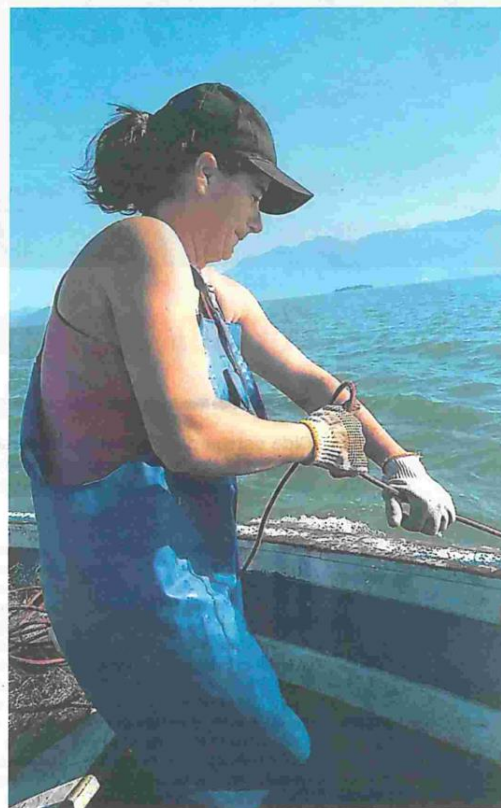
Para ela, a escassez das safras está associada às mudanças climáticas. O aquecimento global é um dos fatores, mas também a pesca descontrolada.

– Não há limite de malha para capturar um peixe, eles (modalidade industrial) não estão perdendo nada: nem berçário, nem criadouros.

Para Josi existem duas situações bem distintas: enquanto o artesanal espera o peixe vir na costa, o industrial pega toneladas de espécies de diferentes tamanhos.

Há quem diga que o peixe não vai acabar, mas ela alerta:

– Acaba sim. O mar está mudando, a temperatura está subindo. Antes o peixe procurava a água quente para desovar. Como esquentou, o cardume não vem mais.



ANGELA BASTOS

### Alerta e um pedido à Iemanjá

Tem outra coisa que incomoda Josi: a sujeira no mar.

– O pessoal invade a praia, constrói casa, vai ocupando aqui e ali. A água leva o entulho, mas um dia a natureza devolve.

Josi usa como exemplo a destruição de casas pela força da maré, em 2010, na Armação do Pântano do Sul. O prejuízo foi tão grande que Exército e Marinha tiveram formar barreiras de contenção com sacas de areia.

– O mar não tira nada de ninguém, só está pegando o que é dele. A natureza é assim, tem o ciclo dela.

A pescadora não se considera uma pessoa religiosa, mas conta que vez que outra faz um pedido para Iemanjá, entidade que no sincretismo religioso significa a Rainha das Águas.

– Iemanjá, dá uma mexidinha no fundo do mar, dá uma reviradinha para mandar umas coisinhas (peixes) pra nós que estamos precisando.

Mas também acha tempo para agradecer.

– Sempre quando vem peixe, pouco ou muito, eu agradeço. Acho que vem o que tem que vir naquele dia.

## Mulher em posição de liderança

Das 38 colônias de pescadores de SC, somente a de Balneário Piçarras tem uma mulher como presidente

**A**driana Ana Fortunato Linhares, 31 anos, é presidente da Colônia de Pescadores de Balneário Piçarras, a Z-26. Caso único entre as 38 espalhadas por Santa Catarina. O marido chegou a fazer campanha para o cargo, mas considerou que teria pouco tempo devido às saídas para o mar e, na última hora, a convenceu a entrar na disputa. Além da experiência de pescadora, ela se sentiu fortalecida pelo aprendizado do curso Jovens do Mar, feito em 2016 na Empresa de Pesquisa Agropecuária e Extensão Rural de Santa Catarina (Epagri).

O programa foca em temas importantes para o comando de uma associação profissional, como liderança, gestão e empreendedorismo. Ainda assim, Adriana levou um tempo para perceber a responsabilidade que havia assumido. A sede estava fechada há meses, havia acúmulo de documentos, material para ser despachado e o espaço se encontrava totalmente desorganizado. Não havia computador e moradores de rua usavam o lugar.

– O primeiro ato foi chamar os 38 associados para uma grande faxina. Conseguimos dar uma melhorada no ambiente e depois lidar com outro desafio, a falta de recursos financeiros.

Adriana reconhece a invisibilidade das pescadoras e acredita que isso depende também do posicionamento da própria mulher.

– Eu sempre falo: quando a gente for fazer alguma coisa, como um cadastro numa loja ou preencher uma ficha na escola do filho, não se deve dizer que somos do lar ou autônomas. Precisamos dizer que somos pesca-

doras artesanais.

Adriana também concorda que esta falta de conscientização tem como base a ausência de respaldo na legislação.

– O INSS só reconhece como mulher pescadora aquela que vai ao mar. A grande maioria trabalha em terra, já que não são todas que aguentam 12 horas na pescaria e depois fazer todo o serviço doméstico, além de manipular o peixe, limpar o camarão, comprar o óleo diesel para embarcação.

Apesar de ser em dobro, diz, este trabalho não é reconhecido: é considerado obrigação.

– A pescadora trabalha muito, mas para a sociedade é como se fosse uma obrigação da “mulher do pescador”.

### “CADA EMBARCAÇÃO É UMA EMPRESA”

Adriana se mostra inquieta com a falta de dados sobre a pesca artesanal em SC. Ela entende que isso permitiria apresentar reivindicações ao governo.

– Vamos ter que organizar a frota, que hoje é desconhecida. Não sabemos quantos pescadores somos, nem quanto é pescado. Sequer as toneladas de peixe e camarão capturadas em nossas redes. Poderíamos fazer isso com cada liderança dos municípios – sugere.

Para Adriana, a organização é fundamental para as famílias que vivem da pesca artesanal.

– A gente tem que entender que cada embarcação é como se fosse uma pequena empresa. Nós precisamos acreditar na pesca e num futuro melhor. Nós vamos reescrever a história da pesca no nosso Estado.



Adriana aproveita a conversa na beira do cais para trocar experiências com pescadores

ÂNGELA BASTOS

## Pesquisa aponta desafios do reconhecimento profissional

**C**om o título *Mulheres e o Mar: uma etnografia sobre pescadoras embarcadas na pesca artesanal no Litoral de Santa Catarina*, a antropóloga Rose Mary Gerber, da Epagri, tornou-se uma referência no tema. O estudo foi lançado em 2013, após 13 meses de trabalho em oito municípios catarinenses e envolvendo cotidiano de 22 pescadoras.

O diagnóstico está centrado em três formas de trabalho da mulher pescadora: das que ficam em terra e trabalham no descasque, na evisceração, na filetagem de peixe, no desconchamento de marisco, em limpeza, beneficiamento e venda do pescado; daquelas que atuam na coleta de berbigão, à beira do mar; e das embarcadas. Neste caso, aquelas que saem todos os dias para o mar.

Além da rotina na pesca, a pesquisadora observou o trabalho em casa, como arrumação, lavagem de roupas e preparo das refeições. Na tese defendida na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Rose propõe uma redefinição do conceito de pescador e de pesca.

Para a antropóloga, pescador é definido, por exemplo, nos dicionários de língua portuguesa, como um “substantivo masculino singular” e o significado de pesca é “retirar os produtos do mar, de lagoas, de rios”.

Busquei, com o diagnóstico, mostrar que existem pescadoras mulheres e também que todo o processo de retirar, limpar, eviscerar, transformar e vender, tudo isso é a pesca. É a extração de produtos do mar, da lagoa, do rio, até a preparação para a

comercialização.

De acordo com a antropóloga, o trabalho evidenciou o que ela considera ser um dos principais desafios dessas pescadoras, ou seja, serem reconhecidas como profissionais da pesca.

### “SEM ELAS, A PESCA NÃO SE REPRODUZ”

Pela legislação atual, para conseguir a aposentaria com a denominação pescadora, a mulher deve estar inserida dentro do chamado grupo familiar. Ela é aposentada como pescadora quando prova que é filha ou esposa de pescador.

– Caso queira requerer o benefício, mas não esteja inserida no formato de grupo reconhecido, ela precisa constituir provas para tentar obter o direito no INSS – explica Rose.

Por lei, para exercer a pesca artesanal é necessário possuir a Carteira de Pescador Profissional (CPP) e a inscrição na colônia de pesca ou sindicato, e participar de cursos previstos pela Capitania de Portos e Marinha. Além disso, é preciso pagar as contribuições previstas periodicamente.

O convívio com as comunidades pesqueiras possibilitou à pesquisadora concluir outras questões:

– A denominada invisibilidade feminina na pesca se dá de duas formas: por parte de quem olha de fora, sejam órgãos públicos, acadêmicos, população de forma mais ampla; e no contexto interno em que as famílias e elas próprias, com ênfase nas que atuam em terra, muitas vezes não se dão conta de que, sem elas, a pesca não se reproduz.

### EXPEDIENTE

Reportagem: Ângela Bastos  
Fotografia: Ângela Bastos e Tiago Ghizoni  
Designer: Aline Costa Silva  
Edição: Stefani Ceolla

**Diário Catarinense e A Notícia**  
**Caderno Versar**  
"O mar de Adriana desemboca em SC"

O mar de Adriana desemboca em SC / Adriana Calcanhotto / Show / Florianópolis / Turnê Margem / Centro de Cultura e Eventos / UFSC / Meio ambiente / Papel Semente / ONG Funverde / Entrevista / Trindade / Brasil

SÁBADO E DOMINGO, 14 E 15/9/2019

31



# versar

MÚSICA

## UM OLHAR PARA O MAR

Adriana Calcanhotto faz show em Florianópolis da turnê de apresentação do álbum *Margem*, que fecha a trilogia marinha com *Marítimo* e *Maré*

# O MAR DE ADRIANA DESENBOCA EM SC

Lançado em agosto, o show da turnê *Margem*, de Adriana Calcanhotto será apresentado em Florianópolis no dia 21 de setembro

JANAÍNA LAURINDO

janaina.laurindo@somosnsc.com.br

**N**o mês de agosto Adriana Calcanhotto lançou, em Belo Horizonte, a turnê de apresentação do álbum *Margem*, que fecha a trilogia de *Marítimo* e *Maré*. O novo trabalho levou quase uma década para ser produzido, conta com nove canções autorais e será apresentado no dia 21 de setembro em Florianópolis, no Centro de Cultura e Eventos da UFSC. Sócios do Clube NSC tem desconto de 20% na compra do ingresso antecipado no site Ingresso Nacional.

O espetáculo assinado por

Adriana traz os músicos que também a acompanharam na produção do mais recente trabalho de estúdio. Rafael Rocha (mpc, bateria, percussão, Handsonic, assóvio), Bruno Di Lullo (baixo e synth) e Bem Gil (guitarra e synth), os dois últimos estiveram com Calcanhotto na turnê *A Mulher do Pau Brasil* que rodou o Brasil no segundo semestre de 2018.

O repertório do novo show tem como esqueleto as canções do novo álbum e resgata músicas dos outros dois discos da trilogia marinha como *Mais Feliz*, *Vambora*, *Quem vem pra beira do mar*, além de sucessos da carreira de Adriana, como *Devolva-me* e *Maresia* canções arranjadas espe-

cialmente para o espetáculo, como *Futuros amantes*, de Chico Buarque, de 1993, que a cantora gravou como faixa exclusiva para a versão japonesa do álbum.

## BANDEIRA DO MEIO AMBIENTE

O mar e a natureza estão no olhar de Adriana, neste trabalho ela traz uma crítica na capa do álbum. A foto mostra a cantora afundada em um mar de garrafas plásticas.

- Aquilo ali é a condição dos oceanos, é resultado de ação humana e, por isso, não podemos chamar de tragédia. Sem dúvida, *Margem* é um grito para a questão ambiental -

ressalta a Calcanhotto.

Em todas as apresentações da turnê haverá exposição da lojinha *Margem*, com uma pegada sustentável. O espaço terá diversas opções de produtos e *souvenirs* que estarão à venda antes e após o espetáculo. Em parceria com a empresa Papel Semente, a tag das camisas, feita com papel artesanal, ecológico e biodegradável, poderá ser plantada e em 20 dias nascerá uma flor chamada de mosquitinho branco. Já as sacolas plásticas utilizadas na lojinha são da empresa Tudo Biodegradável. A decisão ecológica é fruto de uma parceria com a ONG Funverde, que investe no plantio de árvores.



O novo trabalho é fruto de um processo criativo de quase uma década ao lado dos músicos Rafael Rocha, Bruno Di Lullo e Bem Gil

## ENTREVISTA

Adriana Calcanhoto

## “Nós temos que olhar para esse drama, tratar como drama e tratá-lo sobretudo”

**MARGEM É FRUTO DE UMA INQUIETAÇÃO E DE UM PROCESSO CRIATIVO INICIADO HÁ MAIS OU MENOS UMA DÉCADA. POR QUE DEMOROU TANTO TEMPO PARA PRODUZIR ESTE TRABALHO?**

Entre o lançamento do primeiro e o de *Margem*, fiz outras coisas e com um tempo solto, sem expectativa. Estava fazendo este disco só para mim, com um repertório que demorou para virar um álbum, até gravar. Ele foi gestado com todo o tempo do mundo porque não tinha um compromisso de data. Os meninos da banda ajudaram com paciência e todos os envolvidos entenderam que era um projeto para ficar pronto em seu próprio tempo.

**COMO FOI A PESQUISA SONORA PARA CONSTRUÇÃO DE MARGEM. QUAIS REFERÊNCIAS VOCÊ TRAZ NAS CANÇÕES?**

A pesquisa sonora de *Margem* foi sendo feita com muita calma e leveza porque não tinha compromisso, prazo, expectativa, pressão interna se quer. Então o processo foi, na verdade, gostar de sons, gostar de timbre e experimentar coisas. E confiando também muito no tipo de sonoridade que a banda base do *Margem*, que é Bem Gil, Bruno Di Lullo e Rafael Rocha, trabalhava e pesquisava entre eles, muita coisa de timbre e sintetizadores, por exemplo. Fomos por um caminho que é achar o som bonito, que acho que é o critério.

**A MÚSICA MEU BONDE É UM FUNK COM 150 BPM, RITMO QUE SE TORNOU DOMINANTE NO FUNK**

**CARIOCA. POR QUE COLOCAR UM FUNK NO SEU PROJETO? É UM RITMO QUE VOCÊ COSTUMA OUVIR?**

Nossas vivências e tudo que ouvimos sempre se tornam inspirações, sem dúvida. Uma ou outra coisa do funk carioca de vez em quando eu ouço. Eu gosto da batida. Tenho experimentado, eu ouço funk, enquanto funk, mas enquanto samba ao mesmo tempo. Acho lindíssimo.

**ESTE TRABALHO DEMONSTRA UMA PREOCUPAÇÃO SUA COM O MEIO AMBIENTE. A CAPA DE MARGEM, DIFERENTE DAS OUTRAS CAPAS, TEM UM TOM CRÍTICO. QUAL A IMPORTÂNCIA DESSE TRABALHO NO MOMENTO EM QUE ESTAMOS VIVENDO, PRINCIPALMENTE EM RELAÇÃO A AMAZÔNIA?**

Eu costumo dizer que a capa do álbum tem um foto sem metáfora. Aquilo ali é a condição dos oceanos, é resultado de ação humana e, por isso, não podemos chamar de tragédia. Sem dúvida, *Margem* é um grito para a questão ambiental. Nós temos que olhar para esse drama, tratar como drama e tratá-lo sobretudo.

**QUANDO FALAMOS EM MEIO AMBIENTE TAMBÉM ESTAMOS FALANDO DE POLÍTICA. TEMOS VIVIDO UM PERÍODO BASTANTE CONTURBADO NO BRASIL, TAMBÉM EM RELAÇÃO A CULTURA E A EDUCAÇÃO. COMO VOCÊ ENXERGA ESSE PERÍODO DA HISTÓRIA DO PAÍS?**

## SERVIÇO

**ADRIANA CALCANHOTTO\***  
Quando: 21/9, às 21h

Onde: Centro de Cultura e Eventos da UFSC (Trindade, Florianópolis)  
Desconto de 20% para sócio na compra do ingresso antecipado no site Ingresso Nacional.

\* No dia 20 de setembro estava agendado um show em Criciúma, mas a apresentação foi remanejada para uma nova data em 2020 ainda em definição, no mesmo horário e local. Os valores dos ingressos será reembolsado. Mais informações no e-mail [cancelamentos@ingressonacional.com.br](mailto:cancelamentos@ingressonacional.com.br)

Capa do álbum *Margem* com uma crítica para a situação dos mares



Eu considero esse período do Brasil e da história do país conturbado, como tantos outros que a gente já viu. Mas sempre fui otimista, então eu não perco a fé.

**ESTE ANO VOCÊ MINISTROU O CURSO “COMO ESCREVER CANÇÕES” NA UNIVERSIDADE DE COIMBRA, QUE VOCÊ É EMBAIXADORA DESDE 2015. COMO FOI ESSA EXPERIÊNCIA? OS ALUNOS CHEGAM ESPERANDO QUE VOCÊ DÊ UMA FÓRMULA PRONTA?**

Coimbra é um capítulo incrível que se abriu. Eu tenho gostado muito de estudar a composição de canções, tenho adorado. Me ajuda a compor, a aprender, a conversar com os alunos principalmente. Mas não existe fórmula pronta para fazer música.

**NO DISCO NADA FICOU NO LUGAR, LANÇADO EM FEVEREIRO, VOCÊ REUNIU UM TIME DE JOVENS TALENTOS DA MPB. COMO FOI VER AS SUAS CANÇÕES SENDO**

**INTERPRETADAS POR OUTRAS VOZES?**

Foi surpreendente e maravilhoso.

**NADA FICOU NO LUGAR É UMA FORMA DE LEVAR A SUA MÚSICA PARA NOVAS GERAÇÕES?**

Sem dúvida. Alguns dos artistas eu conhecia, alguns deles não me conheciam. Foi um projeto muito bacana.

**O QUE VOCÊ ACHA DA RENOVACÃO DA MPB?**

Como sempre tivemos na história do Brasil, há muita oferta de música, para todos os estilos e gostos. Acho que sempre há talento. Tem gente muito boa atualmente. Eu tenho muito prazer em ouvir.

**VOCÊ ESTÁ RETORNANDO PARA SANTA CATARINA, E ESTÁ RODANDO O PAÍS COM ESSA TURNÊ. VOCÊ GOSTA DESTA FASE DE APRESENTAR O TRABALHO?**

Esse é um show que nasceu muito resolvido. Eu adoro apresentar o trabalho e a expectativa é sempre máxima em cada lugar.

**Diário Catarinense e A Notícia**  
**Programação**  
 "Confira a agenda de eventos de SC"

Confira a agenda de eventos de SC / Melim / Show / Centro de Cultura e Eventos / UFSC / Trindade / Florianópolis

SÁBADO E DOMINGO, 14 E 15/9/2019

39

# Confira a agenda de eventos de SC



Final de semana com música, humor e teatro infantil. Diversão para toda família com até 50% de desconto

**MELIM**

Formada pelos irmãos gêmeos Diogo e Rodrigo, junto com a caçula Gabriela, o trio lançou seu primeiro álbum autoral em 2018, emplacando diversos hits por todo o Brasil.  
**Quando:** 14/9, às 20h  
**Onde:** Centro de Cultura e Eventos da UFSC (Trindade, Florianópolis)  
**Desconto de 20%** para sócio na compra do ingresso antecipado no site Ingresso Rápido.

**BAGUNÇA BOA COM LUCAS LUCCO**

As músicas *Aham*, *Vai Vendendo*, *Mozão*, *De Buenas* e muito mais estarão no repertório do show no P12. MC Don Juan também desembarca em Jurerê Internacional e apresenta, na mesma tarde, os seus hits de sucesso.  
**Quando:** 14/9, a partir das 14h  
**Onde:** Parador 12 (Servição José Cardoso de Oliveira, 0, Jurerê Internacional, Florianópolis)  
**Desconto de 20%** para sócio e acompanhante na compra do ingresso antecipado no local, em horário comercial.

**PAULINHO SERRA**

O humorista é conhecido pela arte do improviso. Desde as apresentações do grupo *Deznecessários*, que comandou nos anos 2000 com outros nomes do humor nacional, até em programas de rádio e TV, sempre houve espaços para seus cacôs e comentários ácidos e engraçados, que ele traz para Florianópolis.  
**Quando:** 14/9, às 20h  
**Onde:** Cinemark - Floripa Shopping (Rodovia José Carlos Daux, 3116, Saco Grande, Florianópolis)  
**Desconto de 50%** para sócio e acompanhante na compra do ingresso antecipado no site Blueticket.

**O ANALISTA E A SEXÓLOGA DE BAGÉ**

É o retorno do personagem machão convicto, apegado às suas tradições e autêntico.  
**Quando:** 14/9, 21h30min  
**Lages:** Teatro Municipal (Marajoara Rua Presidente Nereu Ramos, 64 - Centro)  
**Quando:** 15/9, 19h  
**Joaçaba:** Teatro Alfredo Sigwalt (Rua Treze de Maio, 63 - Centro)

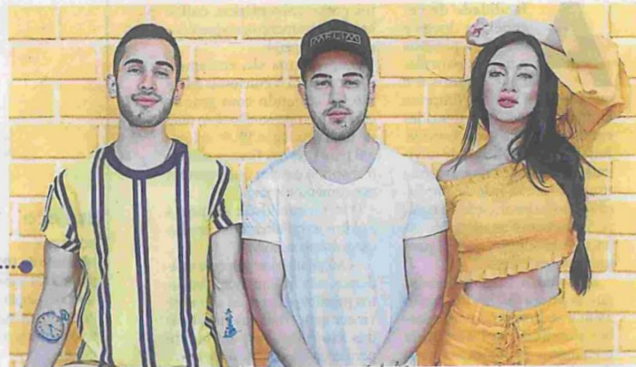


Foto: Reprodução

**Desconto de 50%** para sócio e acompanhante na compra do ingresso antecipado no site Blueticket.

**CAMERATA FLORIANÓPOLIS COM TRIBUTAO QUEEN**

A apresentação começou a ser preparada no final de 2018, foi concebida com a mesma equipe que há 11 anos apresenta o programa de maior sucesso da orquestra, o *Rock'n Camerata*, visa prestar uma homenagem à banda inglesa de rock/pop Queen, trazendo para este show alguns dos maiores sucessos do grupo.  
**Quando:** 14/9, às 21h  
**Onde:** Teatro da Liga (Rua Jaguaruna, 100, Centro, Joinville)  
**Desconto de 20%** para sócio e acompanhante na compra do ingresso antecipado no site Ticketcenter.

**FROZEN - O MUSICAL**

A peça conta a história das irmãs Anna (Gabi Dutra) e Elsa (Walquíria Moreno) que, depois de um acidente, passam anos sem se falar. No dia da coroação da rainha Elsa, Anna conhece o príncipe Hans (Tomás Bueno) com quem decide se casar por acreditar ser amor verdadeiro. Irritada com a atitude irresponsável da irmã, a rainha revela seu poder e assusta a todos presentes no baile. Após ser acusada de "monstro", Elsa foge para o exílio. Anna, se sentindo culpada, vai atrás da irmã com o objetivo de fazê-la voltar para casa.

**Quando:** 15/9, às 16h  
**Onde:** Teatro Pedro Ivo (Rodovia José Carlos Daux, 4600, Saco Grande, Florianópolis)  
**Desconto de 35%** para sócio na compra do ingresso antecipado no site Ingresso Rápido.

**APÓSTOLO ARNALDO**

Nessa "Sessão de Descarrego" o humorista, satiriza, além dos pastores corruptos, as sessões de exorcismo e os devaneios que acontecem nos cultos de muitas igrejas. Dono de um humor ácido, sarcástico e debochado, o humorista Arnaldo Taveira encarna mais uma vez o líder espiritual da Igreja Evangélica Pica das Galáxias.  
**Quando:** 15/9, às 20h  
**Onde:** Teatro Pedro Ivo (Rodovia José Carlos Daux, 4600, Saco Grande, Florianópolis)  
**Desconto de 40%** para sócio e acompanhante na compra do ingresso antecipado no site Blueticket.

**BEER WEEK**

Serão mais de 120 rótulos distribuídos entre as 14 cervejarias, food trucks e seis bandas de rock locais, entre elas o Dazaranha.  
**Quando:** 14 e 15/9, das 11h às 22h  
**Onde:** Trápiche Beira Mar Norte, Centro, Florianópolis.  
**Desconto de 20%** para sócio sobre o valor das cervejas, lanches e porções. Benefício válido somente uma vez em cada cervejaria e food truck.



Confira todos os benefícios no site [clubensc.com.br](http://clubensc.com.br)

PROGRAMAÇÃO DA

## Diário Catarinense e A Notícia Artigo

“UFSC: a gigante que resiste”

UFSC: a gigante que resiste / Lucas dos Santos Ferreira / Educação / Pesquisa científica / Brasil / Ranking / Quacquarelli Symonds / Ministério da Educação / Grupos de pesquisa / CNPq / Hospital Universitário / Núcleo de Educação Infantil / Cortes / Lev Vygotsky

### UFSC: a gigante que resiste

**Lucas dos Santos Ferreira**

*Professor*

A educação e a pesquisa científica são pilares fundamentais da construção do desenvolvimento econômico e dos valores democráticos. Todas as nações que conquistaram bons indicadores sociais constituíram sólidas teias de instituições, educadores e cientistas que permitiram importantes reflexões e inovações.

O Brasil, mesmo figurando entre as grandes economias mundiais, não possui, em razão dos baixos investimentos em educação, nenhuma universidade entre as cem melhores do mundo, considerando o ranking divulgado pela consultoria global de ensino Quacquarelli Symonds, que destaca que o atual ajustamento fiscal deve rebaixar ainda mais nossas posições. (revista Exame, jul. 2019).

A UFSC, com cerca de 2,5 mil professores, 3,2 mil servidores técnicos e mais de 30 mil estudantes, é considerada pelo Ministério da Educação a sexta melhor universidade do Brasil, com 600 grupos de pesquisa certificados pelo CNPq, cerca de 300 convênios internacionais e outros relevantes serviços ofertados à comunidade via ações de extensão, como o Hospital Universitário e o Núcleo de Educação Infantil.

O atual governo, desconsiderando pesquisas em

andamento e as demandas de ensino do conjunto da população, se propõe a reter R\$ 45 milhões e a bloquear outros R\$ 15 milhões em emendas parlamentares. Com o valor autorizado para o custeio universitário a reitoria não teria condições de sustentar sequer mais um mês de funcionamento da instituição, mesmo impondo drásticos cortes em áreas como alimentação, limpeza e segurança.

Embora as intervenções do poder constituído sejam desastrosas, a união que se cria em defesa da UFSC começa a aglutinar amplos e diversificados segmentos em defesa da educação e da ciência, gerando condições não só para barrar os retrocessos impostos como também para possibilitar avanços com o dissipar das turbulências de conjuntura.

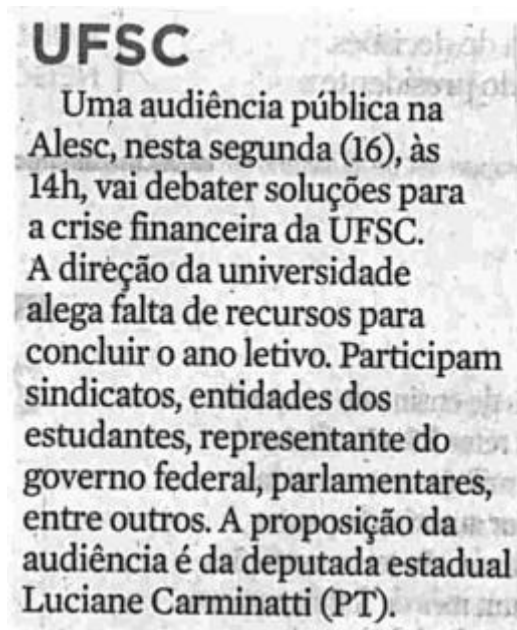
Como bem destacou Lev Vygotsky, “para a mente ingênua, evolução e revolução parecem incompatíveis e o desenvolvimento histórico só está ocorrendo enquanto segue uma linha reta. Onde ocorrem distúrbios, onde a trama histórica é rompida, a mente ingênua vê somente catástrofe, interrupção e descontinuidade. Parece que a história para de repente, até que retome, uma vez mais, a via direta e linear de desenvolvimento. O pensamento científico, ao contrário, vê revolução e evolução como duas formas de desenvolvimento mutuamente relacionadas, sendo uma pressuposto da outra, e vice-versa”.



**Diário Catarinense**  
**Ânderson Silva**

“UFSC”

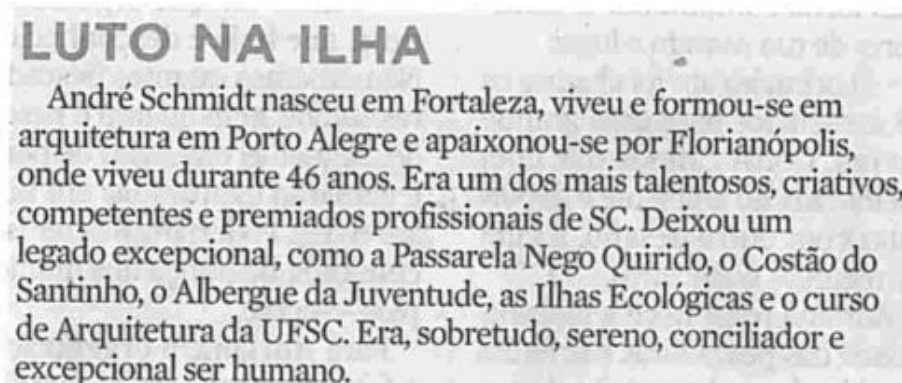
UFSC / Audiência pública / Alesc / Crise financeira / Falta de recursos /  
Luciane Carminatti



**Diário Catarinense e A Notícia**  
**Moacir Pereira**

“Luto na ilha”

Luto na ilha / André Schmidt / Fortaleza / Florianópolis / Passarela Nego Quirido / Costão do Santinho / Albergue da Juventude / Ilhas Ecológicas /  
Curso de Arquitetura



**Diário Catarinense e A Notícia**  
**Moacir Pereira**  
"UFSC"

UFSC / Eládio Rocha / Reitor

**CURTAS**

**UFSC**

Do desembargador Eládio Rocha, sobre o comentário das atitudes do reitor da UFSC: "Quero cumprimentá-lo pelas apropriadas colocações ali consignadas, as quais representam, sem dúvida, as posições de todo o cidadão de bem que se opõe à mediocridade e à desfaçatez."

**Diário Catarinense**  
**Cacau Menezes**  
"Agressão"

Agressão / Bruno Souza / Lula / Greve dos estudantes / Universidade Federal de Santa Catarina / Brasil

**AGRESSÃO**

Por não concordar em assinar um manifesto em favor da libertação do ex-presidente Lula, e de filmar com o celular as manifestações de grevistas na UFSC, o deputado estadual Bruno Souza, sem partido, foi agredido fisicamente e verbalmente por petistas que participavam da greve dos estudantes, em frente à Universidade Federal de Santa Catarina. Imagens que viralizaram são repugnantes. Profundamente lamentável a maneira como se faz política hoje no Brasil.

Notícias veiculadas em meios impressos, convertidas para o formato digital, com informações e opiniões de responsabilidade dos veículos.

# CLIPPING DIGITAL

14/09/2019

## Ig Nobel

Conselho Universitário da UFFS apoia movimento estudantil contra nomeação do reitor

## Curtas

Câmara promove ciclo de palestras sobre Plano Diretor da Capital

Descoberta aponta quais são as proteínas que viabilizam a audição

A tirania miliciana vai enfrentar oposição?

## Agressão

15/09/2019

Alesc fará audiência para debater situação financeira da UFSC

Em carta, conselheiros da UFFS pedem renúncia do novo reitor

Alesc fará audiência para debater situação financeira da UFSC

Projeto abre as portas das Ciências Exatas para as mulheres